











Obá • Ato da Transfiguração (2015)

(re)performance na abertura da exposição individual
(in)corporações, com curadoria de Roberto Conduru na Galeria Candido Portinari – UERJ

Amém

É meu o fóssil no grão do fruto, o fato bruto do feto, semente, sêmen...
a densidade branca e viscosa de toda história inaugurando
minha altura, esse pejo: nome, peso, temperatura, tipo e peso;
apelo de mim, pelo penso do animal;
são frutos, filho, tudo o que se planta e colhe;
tudo que gora e nasce morto,
tudo que tem gosto e cheiro de terra (o pó que foste e tornarás a ser);
são frutos essa fartura e fastio
o tédio e a mão a impelir gesto, a fricção, a gravidade
(essa letra de quem sou) e a mesma parte que tenho
com as fezes e o excesso que o corpo nega; miro esse corpo (teu?),
como as carnes operadas em milagre e oblação, tão sacrossanta,
abundada em sangue e gene,
tão antiga que a própria sorte
a esqueceu de definir e nomear
deixando esse resto de essência, essa sobra sublimada do que se foi
(será?); plangem meus olhos a via dolorosa das lágrimas passadas,
da nau que move moinhos, escoa e seca em calázios, inflamações,
pus a matéria morta que me nutre em vida, em dadiva,
em credo e faz as vezes do santo,
ou da besta que oculto, que ocupo em manter sem culpa nos músculos,
pele, dentes, unhas aparadas, barba, penteado e estilo,

Reza-brava

No ambiente encontram-se, dispostos ao chão, dois objetos ordinários:
um ralo típico feito de lata e uma gamela de madeira.
Ambos são utensílios comuns da vida rural e interiorana brasileira
que certamente todos conhecem, ao menos de vista.
Após algum tempo o artista adentra a cena;
ele está nu e segurando a imagem de nossa senhora aparecida,
bem na frente da genitália,
como sendo o próprio artista uma espécie de andor.
Dirige-se compassadamente até o lugar onde estão o ralo e a gamela;
ajoelha-se, se organiza com os três objetos
e põe-se ao ritual inusitado de ralar a santa-de-gesso.
Iconoclastia?
Certamente, mas esse não parece ser o propósito.
Nenhum cristão se sentiria ofendido diante da cena,
pois ela é muito mais que isso.
O ato de ralar torna-se um ritual intenso e pesado;
vê-se na musculatura incisivamente desenhada
toda tensão do trabalho extenuante, quase desumano.
Esteta-escultor que é, ele não rala o gesso-santa de qualquer maneira,
ele busca na ação de subtração gerar uma nova forma
cuja geometria pura irá expulsar
os vestígios de qualquer humanidade-santidade,

na exigência da penetração no cerne do prazer...
É o que sou, o que somos um ao outro e a tantos mais?
É o que vem a ser? É o que?
O fim da linhagem, a última pluma da águia,
a impressão imprecisa na falange do polegar,
a língua que mastigo em sangue e palavra,
a larva que me habita as tripas, a flora, a fauna intestinal após a sesta?
Quantos animais me nutriram?
Quantos ainda morrerão pra que eu me repita?
Totem; quanto de mim se repete no filho, no pai, no avô?
Quanto de mim atribuo (por sorte) ao cão?
À severidade que ressoa em cada escolha?
é minha a voz que alimenta a terra no fim, e não mais minha;
é meu o corpo e não mais meu.
Quem é o pão?
Sou eu o fruto que como.

ele eleva o penoso trabalho a um ato de criação conceitual.
Ele finalmente interrompe o árduo trabalho,
reorganiza os objetos e olha atento o pó branco colhido na gamela.
Entre essa etapa e o ápice que se segue,
houve um intervalo ocupado pela memória e pela experiência pessoal
dos que ali estavam. Observo ao redor e as pessoas
se ausentam por um segundo daquele encontro extraordinário,
pois diante da cena de grande beleza-violência-dor
seria impossível a cada um não criar o seu próprio texto
mergulhando fundo em si mesmo. Mas todos voltam em seguida
para presenciar o grande final da narrativa pulsante do autor
O artista nu se banha (impregna) lenta e minuciosamente
com pó branco da virgem (resto de uma santidade em ruínas)
depositado na gamela (não por acaso,
a gamela usada para comportar o bori nos rituais do Candomblé).
Coberto (desaparecido) com a substância branca do gesso,
ele se levanta e lentamente sai de cena.
Entrou homem e saiu divindade devidamente de alma lavada,
essencialmente profana, ou sublimada nas tradições cultural-religiosas
que definem o Brasil, numa percepção que critica e exalta essa mesma
tradição